

Serpente, sonho e símbolo: o exercício de amplificação simbólica em psicologia analítica

Ana Flávia Fuerstenau

Ana Luisa Teixeira de Menezes

RESUMO

Nos sonhos, o símbolo é o principal veículo de expressão do inconsciente, dada sua natureza misteriosa e imagética. Pesquisar no campo do inconsciente e dos sonhos é uma tarefa desafiadora, porém de extrema importância para a prática da psicologia junguiana. Neste trabalho, elegeu-se a serpente como símbolo de análise, buscando compreender os sentidos atribuídos à serpente nos sonhos e suas possíveis contribuições para a prática em psicologia, também em um movimento de busca pela legitimação da pesquisa nesta área. A apreensão do símbolo foi feita através de livros, artigos e páginas de websites, sob o prisma de oito relatos de sonhos com serpentes. A compreensão das imagens foi feita a partir do método junguiano de amplificação simbólica, sistematizado por Eloisa Penna. Concluiu-se que a serpente é experimentada pela humanidade por meio de diferentes emoções, como o nojo, o medo, a serenidade, a raiva, que provocam, no sonhador, um contato com forças do inconsciente que o impelem a viver em profundidade, em um diálogo entre inconsciente e consciente, próprios do processo de individuação proposto por Jung.

Palavras-chave: Sonhos, amplificação simbólica, psicologia analítica, serpente.

ABSTRACT

Serpent, dream and symbol: the exercise of symbolical amplification on analytical psychology

In dreams, the symbol is the main vehicle for the expression of the unconscious, given its mysterious and imagetic nature. Researching the field of the unconscious and dreams is a challenging task, yet of great importance to the practice of Jungian psychology. In this study, the serpent was chosen as the symbol of analysis, aiming to understand the meanings attributed to the serpent in dreams and its possible contributions to psychological practice, also as part of a broader effort to legitimize research in this field. The apprehension of the symbol was conducted through books, articles, and websites, viewed through the lens of eight dream reports involving serpents. The interpretation of the images followed the Jungian method of symbolic amplification, as systematized by Eloisa Penna. The study concluded that the serpent is experienced by humanity through various emotions - such as disgust, fear, serenity, and anger - which provoke in the dreamer a contact with unconscious forces that urge them to live more deeply, fostering a dialogue between the unconscious and the conscious, as proposed in Jung's process of individuation.

Keywords: Dreams, symbolic amplification, analytical psychology, serpent.

Sobre os Autores

A. F. F.
orcid.org/0009-0004-2257-2082
Universidade de Santa Cruz do
Sul (UNISC) – Santa Cruz do Sul,
RS
anafuerstenau@gmail.com

A. L. T. M.
orcid.org/0000-0002-9777-0022
Universidade de Santa Cruz do
Sul (UNISC) – Santa Cruz do Sul,
RS
luisa@unisc.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Sonhar é, desde os tempos mais remotos, uma experiência poderosa e generalizada, capaz de atravessar séculos, povos, crenças e estruturas sociais. O desejo de dar significado aos sonhos é algo que rompe barreiras culturais, justamente pelo seu caráter plural, controverso e intrigante. As primeiras tentativas de interpretá-los buscavam seus significados a partir de símbolos e metáforas. A filosofia, mais tarde, deslocou o sonho de seu viés divinal e passou a estudá-lo como produto de movimentos naturais, próprios da relação do ser humano com seu meio (Milhorim et al., 2013).

A função geral dos sonhos, na psicologia analítica de Carl Jung, é de tentar restabelecer um equilíbrio psicológico, assumindo uma função compensatória na constituição psíquica (Jung, 1964/2016). De acordo com Jung (1961/2016), a personalidade humana tende a reprimir tudo aquilo que não deseja ser, de forma que, para viver uma vida mais completa, os sonhos trazem os demais aspectos, normalmente aquilo que se tem dificuldade de vivenciar no dia a dia. Isso ocorre porque no sonho tem-se a liberdade de vivenciar o que for necessário, caminhando pelo mundo, sem o confinamento das preocupações do ego (Hillman, 2010).

Para Von Franz (1988), os sonhos manifestam uma inteligência superior, uma sabedoria capaz de orientar, apontar enganos e alertar, bem como prever eventos futuros, aludir a sentidos mais profundos da existência e propiciar *insights* reveladores. A partir de sua vasta prática com a interpretação de sonhos, a autora conclui que a matriz que engendra os sonhos parece orientar o ego consciente para uma atitude adaptada frente à vida, de forma a tornar a vida do sonhador o melhor possível.

Von Franz (1964/2016) compara a psique a uma esfera, cuja superfície contém uma zona iluminada que representa a consciência — no centro desta zona está o ego. A esfera como um todo é o *Self*: totalidade viva da psique, cujo núcleo irradia a função reguladora do nosso sistema psíquico. O *Self* não apenas organiza os conteúdos oníricos, os quais constituem vias privilegiadas de comunicação com o inconsciente, mas também exerce o papel de guia, convocando o indivíduo continuamente ao processo de individuação e à realização de si mesmo. O caminho mais legítimo para o contato com o centro interior da psique são os sonhos, exatamente como nos chegam: com sua lógica simbólica, misteriosa e, muitas vezes, enigmática (Von Franz, 1988).

Ainda conforme a autora, os seres humanos estiveram sempre conscientes deste centro. Os gregos o chamavam de *daimon*; no Egito, *alma-Ba*; para os romanos, o gênio; entre os cristãos, a *Imago Dei*; entre os indígenas Naskapi, este núcleo era chamado *Mista'peo*. Para estes últimos, prestar atenção nos sonhos e tentar descobrir seus significados pode estreitar seu relacionamento com o *Self*. Trata-se de um processo gradual e constante de integração de aspectos do inconsciente, tanto pessoal quanto coletivo, e do mundo

consciente, visando à integração do indivíduo consigo mesmo e com a humanidade (Von Franz, 1964/2016). Entende-se, assim, que a investigação dos sonhos conduz a um caminho de amadurecimento da personalidade, possibilitando uma maior integração para o fluxo contínuo entre consciência e inconsciente.

Na maior parte do tempo, o que vemos no universo onírico são imagens. Elas atuam, e não somente nos sonhos, como símbolos, pois carregam um significado de valor pessoal e/ou coletivo. Jung expressou sua afinidade com esse universo trabalhando especialmente com o inconsciente coletivo, que são os símbolos universais, imagens experienciadas pela humanidade ou por grandes grupos. O símbolo, de acordo com Jung (1964/2016), é definido como “um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional” (p. 18). Assim, uma palavra, ou imagem, ou ainda uma ideia, é simbólica quando implica algo além de seu significado manifesto e imediato: ela possui um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é inteiramente explicado.

Desenvolvemos a habilidade de formar símbolos quando acessamos a função transcendente, capaz de realizar uma união da consciência com o inconsciente. A capacidade de compreender imagens, por sua vez, é o que caracteriza o pensamento ou entendimento simbólico. A grande questão é que o símbolo não passa despercebido pelo ego: precisamos dele, e por isso nos chama atenção e carrega significado. Podemos percebê-lo como instigante, surpreendente, comovente, e pode despertar diferentes emoções como estranhamento, curiosidade, medo, atração, repulsa, admiração, seja para um de nós ou para um grupo (Penna, 2009). Os sonhos, neste sentido, são as nossas próprias produções inconscientes e espontâneas de símbolos e, dada a carga emocional que carregam, é imprescindível valer-se deles para trabalhar com os sonhos (Jung, 2011).

Quando falamos dos símbolos, precisamos também falar sobre a compreensão de sentido dos arquétipos. Para a psicologia profunda de Jung, o arquétipo, ou imagem primordial, inclui todas as manifestações psíquicas de natureza universalmente humana e típica. De acordo com Jacobi (1957/2016), um arquétipo é sempre uma metáfora, pois se localiza no inconsciente coletivo, ao qual não temos acesso senão pela experiência.

Cotidianamente, lidamos com as representações ou imagens arquetípicas, que são a manifestação do arquétipo em nossa psique consciente, e estas variam conforme a vida (exterior e interior) do indivíduo, a partir dos símbolos. Podemos observar seu caráter universal nos símbolos do pai, da mãe, da criança, do herói/heróina, por exemplo. Embora as vivências em nível da imagem do pai sejam pessoais e relativas para cada indivíduo, é universal a experiência com

este elemento. "Arquétipo, em outras palavras, significa fundamentalmente humano" (Hillman, 2010, p. 35).

Jung evidencia o poder e a magnitude do arquétipo na existência humana, que pode chegar a adquirir uma função de sustentação psíquica, ajudando a humanidade a encontrar apoio, sentido, conexão e direção em uma vida de mistérios. O mito universal, ou arquétipo, do herói, por exemplo, é constantemente retratado em filmes, livros, canções, mitologias como um ser poderoso que vence o mal. Essa narrativa, de um povo que termina vitorioso graças a esse homem-deus, prende o espectador em um clima de emoções numinosas¹, exaltando o indivíduo até sua identificação com o herói (Jung, 1964/2016).

Ao investigar o conteúdo simbólico presente nos sonhos, observa-se que certos elementos tendem a emergir com maior frequência, como leões, edifícios, aviões, pássaros e serpentes, compreendidos como expressões de conteúdos inconscientes que se manifestam à consciência por meio da atividade onírica. No presente estudo, elege-se arbitrariamente a serpente como objeto central de análise simbólica, por ser compreendida como um símbolo recorrente de valor significativo em diferentes culturas. Por meio do método de amplificação, busca-se compreender os significados atribuídos a esse símbolo nos sonhos e explorar suas possíveis contribuições para a pesquisa e a prática clínica com símbolos e sonhos.

Na pesquisa em psicologia analítica, situamo-nos em um contexto qualitativo, de abordagem investigativa e compreensiva dos fenômenos, cujo método é resultante da articulação das perspectivas ontológicas e epistemológicas do paradigma junguiano. Em termos ontológicos, Penna (2009) aponta que a psicologia junguiana se sustenta em um entendimento de totalidade - unidade e diversidade -, a partir da noção de que cada aspecto da totalidade está intimamente ligado a todos os outros. Como campo, a totalidade é abrangente, incluindo consciência e inconsciente, psique e corpo, indivíduo, natureza e cultura.

Nesse pressuposto, a totalidade não se restringe à explicação de causas, mas ressalta as relações de significado, causais e acausais, na compreensão da psique. Essas relações implicam em dinâmicas constantes entre todos os seus elementos, em um processo de diferenciação e integração que rumam a uma complexidade crescente. É importante ressaltar que esses processos ocorrem igualmente nos níveis individual e coletivo.

Em termos epistemológicos, a psicologia analítica entende que conhecimento equivale a consciência, e que conhecimento e autoconhecimento são inseparáveis. Isso nos leva ao entendimento de que a construção de conhecimento se dá no processo de ampliação da consciência, que se estende pela vida do ser humano e permeia a história da humanidade, no processo de individuação (Penna, 2004). Conforme supracitado, esse

processo trata da constante integração de aspectos do inconsciente e do mundo consciente, em níveis de integração à humanidade e a si mesmo.

Do ponto de vista individual, o conhecimento do ser humano se manifesta através de sonhos, fantasias, sintomas e comportamentos. Em nível coletivo, o mesmo se dá pelas manifestações culturais, como a mitologia, o folclore, a arte, os eventos históricos e sociais, e também a produção científica (Penna, 2009). Esse entendimento é essencial para o delineamento do material coletado: para a amplificação simbólica da serpente, precisamos compreender suas manifestações individuais e coletivas, perpassando os sonhos, a mitologia, a arte e a ciência.

Já em termos metodológicos, o caminho investigativo compreende duas etapas: a apreensão dos fenômenos a serem investigados e a análise do material. Penna (2004) ressalta a importância de delimitar-se, em primeiro momento, o contexto histórico e social em que se dará a pesquisa: neste caso, buscaremos explorar o símbolo da serpente em seu âmbito arquetípico, e não individual, dado seu valor coletivo e sua repercussão em diferentes contextos culturais. Também é importante sinalizar que se trata de uma pesquisa feita no Ocidente, mais especificamente no Brasil, e que a coleta de dados foi feita de forma digital. Para a compreensão do símbolo, não existem impedimentos biopsicossociais, de forma que todo sonho, de qualquer pessoa, estará acessando a imagem arquetípica da serpente, não sendo necessários recortes ou critérios quanto aos participantes (Penna, 2009).

A apreensão do fenômeno psíquico - o símbolo - é alcançada principalmente pela observação. A característica principal da observação é a constatação, a percepção do fenômeno, e por essa razão o pesquisador deve manter-se atento aos seus objetivos na pesquisa, pois já não podemos falar de um objeto sem a perspectiva de seu observador (Penna, 2004). De acordo com Jung (1954/2014), "o arquétipo se altera ao se tornar consciente e ser percebido, e toma as cores da consciência individual na qual ele aparece" (§6).

Como parte de um processo permanente e inacabado, esta pesquisa objetiva aproximar-se da prática clínica, a fim de oferecer subsídios para uma intervenção no real. De abordagem qualitativa, objetiva aprofundar uma compreensão, com resultado imprevisível, produzindo informações aprofundadas e ilustrativas sobre a amplificação de símbolos. Seu universo engloba significados, motivos, crenças e valores, mergulhando no inquantificável desta ciência psicológica.

MÉTODO

Quanto aos procedimentos de coleta de material, a etapa de pesquisa bibliográfica sobre a serpente foi feita a partir do

levantamento de referências teóricas publicadas, como livros, artigos, páginas de *websites*. Foram reunidas diferentes fontes bibliográficas a fim de explorar sua relação com os sonhos e o inconsciente coletivo. Foram selecionados materiais que estivessem publicados nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola, que elucidassem de formas teórica, mitológica, folclórica ou filosófica sobre “cobra” ou “serpente”, e estivessem disponíveis *online* ou em versão impressa acessível às autoras. Já a etapa de coleta de excertos oníricos, que serviram como contexto para a análise do símbolo, foi formulada a partir da coleta de sonhos via formulário *online*. Penna (2009) aponta o uso dos sonhos como um instrumento de pesquisa projetivo, essencial para o processo de apreensão dos elementos conscientes e inconscientes presentes no símbolo.

Após submissão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEP UNISC; CAAE 34258820.4.0000.5343, parecer de aprovação número 4.220.673), a coleta de sonhos foi feita de forma anônima e voluntária, sem qualquer recorte social. Como critérios de inclusão, tivemos todos aqueles que falassem a língua portuguesa e fossem maiores de dezoito anos. Como critérios de exclusão, tivemos aqueles que fossem analfabetos e/ou não soubessem manusear dispositivos eletrônicos e não quisessem ou pudessem obter ajuda para tanto; e aqueles que não tenham tido e/ou memorizado sonhos com serpentes.

A coleta foi feita a partir de entrevista estruturada, por meio da plataforma Google Forms, em que a pessoa participante respondeu à pergunta: você se recorda de algum sonho com cobras/serpentes? Em caso afirmativo, foi solicitado que a pessoa registrasse o(s) sonho(s) com a maior riqueza de detalhes possível. Neste mesmo formulário, ela assinalou sua concordância com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que especificou as condições da pesquisa.

O formulário foi divulgado através de plataformas digitais. A partir do material coletado, reuniu-se 29 relatos de sonhos, dos quais foram selecionados oito, tendo como critério de seleção o correto preenchimento do formulário e o detalhamento e/ou carga emocional informados. Não foram feitas quaisquer considerações a respeito do(a) sonhador(a), preservando sua identidade e qualquer valor pessoal atribuído à serpente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma tentativa de compreender uma imagem é possível através da amplificação simbólica, que está imbuída da tarefa de explorar e esmiuçar as diferentes formas e mensagens que este símbolo carrega, em um contexto coletivo (Penna, 2004). Jung (1961/2016) define a amplificação simbólica como o aprofundamento de uma imagem onírica por meio de

associações dirigidas e de paralelos tirados das ciências humanas e da história dos símbolos, através de mitologia, mística, folclore, religião, etnologia, arte etc.

Essa técnica caracteriza um modo de pensar e construir conhecimento acerca de um símbolo, amplificando-o a partir de imagens, comparações e analogias em torno de um tema central, reunindo diversas áreas do conhecimento. Congrega as diferentes funções da consciência para rodear o símbolo, num movimento circular, em busca do sentido e do seu significado mais essencial. O produto final é um conhecimento de ordem intelectual, perceptiva e valorativa. Esse conhecimento, novo e significativo, realiza-se na medida em que aspectos do inconsciente coletivo ou do mundo, antes desconhecidos, passam a ser conscientes, possibilitando uma ampliação da consciência (Penna, 2009).

Reconhecemos e destacamos a limitação desta investigação no que diz respeito ao método de amplificação simbólica, uma vez que não aprofundamos o sentido do sonho investigado a partir da vivência subjetiva de quem sonha, o que é normalmente um importante componente do processo. Para fins de pesquisa, optamos por realizar um exercício de ampliação com base em estudos e amplificações inspiradas por Jung (2011), especialmente a partir da obra *Seminários sobre Sonhos de Crianças*.

A pesquisa bibliográfica nos mostra, portanto, que, desde o princípio da humanidade, nos diferentes continentes, a serpente foi frequentemente entendida como uma divindade (Mason, 1999). Poucas são as mitologias que não possuem sua serpente, quase sempre marinha e de caráter frequentemente ambíguo. Ela se impõe a nós por uma imagem de inesgotável riqueza, por “possuir os sortilégios de atração e repulsão que definem, tudo bem pesado, as grandes pulsões que nos dirigem: inexplicáveis, como ela irresistíveis” (Brunel, 1997, p. 430). Símbolos teriomórficos, ou seja, com forma ou aparência de animal, são muito frequentes nos sonhos e em outras manifestações do inconsciente, pois expressam o estágio em que se encontram os conteúdos designados por eles. Observemos o seguinte sonho, do participante número um (P1):

Eu sonhava com serpentes quando era mais nova, não recordo muito sobre quantos anos eu tinha ou qual era minha situação no momento, mas acredito que foi no início da minha adolescência. Normalmente eu estava no pátio de casa ou em algum campo/floresta, onde haviam [sic] muitas serpentes no chão e nas árvores. Eu tinha que estar sempre atenta onde pisava e por que caminho passava. Eu sentia muito medo, ficava angustiada (P1).

A presença da serpente na natureza e nas árvores pode remeter-nos à árvore da sabedoria e da vida, presente na mitologia antropogênica de Éden, o paraíso (Brunel, 1997; Jung, 1955/1990). A serpente, nesta história, desce pela árvore e persuade Adão e Eva a comerem o pecado, seduzindo Eva ao fruto proibido. Aqui a serpente se

manifesta, o que na alquimia seria chamado de *serpens Mercurii* (Serpente de Mercúrio), como um espírito ctônico que habita na matéria, parte do caos original que dá origem à Terra, pregando toda a espécie de peças. Nesse sentido, ela aparece ligada à árvore, pois essa última representa a evolução e as fases do processo de transformação (Jung, 1951/2015). A tentação da mulher foi interpretada como condenável, afastando-a desta árvore por meio de muros e portões (Brunel, 1997).

Em outra versão, no judaísmo pós-bíblico descrito no Talmud, a primeira mulher de Adão foi Lilith, criados ambos do sopro divino. Ao se revoltar contra a dominação sexual de Adão e em uma luta por igualdade, Lilith se rebela, então a narrativa traz o surgimento de Eva, junto da condenação à sua satisfação sexual. Metaforicamente, em interpretações independentes, Lilith é associada à menstruação e à fase minguante da lua, por sua sexualidade independente. Na Cabala, foi denominada serpente tortuosa, e se sugere que foi pintada por Michelangelo como metade mulher e metade serpente, enrolada ao redor da Árvore do Conhecimento, no século XVI, no afresco do teto da Capela Sistina (Faur, 2020).

Em uma interpretação desta dinâmica, Jung associa a cobra a movimentos da *anima*, no sentido de alma, que impelem o ser humano à vida que deseja ser vivida. “A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida” (1954/2014, §56). A presença da serpente na árvore, em um sentido simbólico, pode aludir ao irromper em consciência, ao tomar conhecimento sobre determinada realidade, podendo aludir também a aspectos da sexualidade. “Tudo o que é tocado pela anima torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico. Ela é a serpente no paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções” (Jung, 1954/2014, §59). No relato, de forma complementar, a sonhadora informa que estava passando pela adolescência, o período da puberdade e, de maneira mais ampla, de uma possível maturação de uma nova consciência e da sua sexualidade.

A reação da sonhadora, no entanto, demonstrou medo da serpente. Jung (1954/2014) associa o medo da serpente à fragilidade e infantilidade da consciência humana, de forma geral. O pavor do profundo leva à busca pela consolidação da consciência, na tentativa de exercer controle sobre o inconsciente pessoal, o que é descrito pelo autor como algo impossível de ocorrer. Assim, no mito de Éden e na consciência humana, constroem-se muros contra os perigos do inconsciente, que buscam “afastar todo o mal”. Embora não esteja oficialmente registrada em nenhuma de suas obras, é comumente atribuída a Melanie Klein a seguinte máxima: “Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso”.

“A serpente é uma alma terrena, semidemoníaca, um espírito e aparentada com os espíritos dos mortos. Como

esses, também ela vagueia pelas coisas da terra e faz com que tenhamos medo dela ou que elas despertem nossa cobiça” (Jung, 2017, p. 353). Ela toma a forma do inimigo a ser vencido, como as figuras mitológicas de Tífeu, Midgardsormr, Píton, Hidra de Lerna, Tiamat etc. Assim nos deparamos com sua duplicidade, sua perfídia, sua violência e violação, trazendo o sagrado e o nascimento como o alívio que sucede a tormenta (Brunel, 1988): “Sonhei com muitas cobras. Estavam num fosso. Emaranhadas. Sentia elas próximas. Sentia asco, medo, pavor. Acordei com essa sensação por algum tempo” (P2).

Aqui vemos a cobra em sua manifestação obscura e abissal, despertando o asco, o medo e o pavor. Ela expressa simultaneamente o medo do ser humano em relação a tudo que é inumano e um temor reverencial diante do sublime. Além disso, de acordo com Jung (1951/2015), a cobra pode ser encontrada nos lugares e momentos em que menos se espera, personificando, assim como o peixe, o mundo obscuro, a floresta, a noite, a caverna, o aquático, o insondável. Podemos perceber estes conceitos também no sonho do terceiro participante:

Sonhei com um lugar desconhecido, mas era uma casa de interior com muita vegetação verde ao redor... Estava caminhando no pátio com mais uma pessoa (não lembro exatamente quem era, mas sei que se tratava de um homem) quando comecei a visualizar várias cobras pequenas, e foi aumentando à medida que andava, quando me vi encurralada no meio delas. Eram muitas, passavam umas por cima das outras, lembro do sentimento de apavoramento e medo (P3).

Esculápio, curandeiro divino da Antiga Grécia, carregava a serpente enrolada em seu bordão, e induzia seus pacientes a uma incubação em câmara interna, onde, durante sono profundo, suas mais recônditas imagens podiam despertar suas potencialidades curativas, através do sonho (Ronnberg & Martin, 2010). A situação em que se encontram no sonho do participante dois, no entanto, pode nos remeter a um estado de indiferenciação, a notar-se pelo uso da palavra “emaranhadas”, podendo indicar a gradação de inconsciência do conteúdo constelado pela serpente. No sonho do participante três, o mesmo se repete.

O fosso também pode aludir ao fundo da terra, onde tudo se inicia - pois o ventre da natureza é a terra - e também onde tudo se acaba. Este é um importante aspecto da serpente, em suas diferentes colocações, por representar a fertilidade, a transformação, a ciclicidade da vida. Sua natureza fálica e a capacidade de copular por semanas, com diferentes serpentes, identificam-na com a energia ativa e penetradora, fértil e potente. Ela ouve através da pele e é particularmente sensível a vibrações de baixa frequência e tremores na terra, ligando-a a segredos subterrâneos e oraculares do conhecimento (Ronnberg & Martin, 2010). O aspecto de imortalidade da serpente está associado à sua habilidade de descamação, processo no qual troca de pele sem sangrar ou

adoecer. A essa função milagrosa podemos acrescentar o fato de que a serpente cura a si própria de feridas e dermatites (Mason, 1999).

Quando a serpente se recolhe para mudar de pele, seu corpo entra em estado meditativo, como em acesso a uma sabedoria além da nossa: erguem-se da terra, das águas fluviais escuras, da escuridão da psique, do submundo, onde está também a fecundidade do solo de onde surge a vida nova. Este lugar de cura, iniciação, revelação, é considerado divino, sendo a serpente a forma teriomórfica do arquétipo da Grande Mãe e de diversas deidades, como Zeus, Apolo, Perséfone, Hades, Kali (Ronnberg & Martin, 2010).

De acordo com Faur (2020), em muitas culturas antigas, entendidas como matrifocais (estruturas sociais centradas na figura materna), reverenciava-se o período da lua negra como algo sagrado, durante o qual se realizavam rituais, práticas de divinação e cultos a ancestrais. Com a transição para culturas solares e patrifocais, a fase escura da lua passou a ser temida como prenúncio de perigos e desgraças. Essa rejeição da lua negra deu origem à alcunha de "magia negra", associada diretamente a abusos, crimes, pragas e ofensas. A serpente, por sua vez, representava nesses rituais o mistério da morte e do renascimento, mas foi incorporada a um imaginário sombrio de negação da morte, característico das culturas predominantes atualmente (Faur, 2020). A esse respeito, Helena Blavatsky (1991) alega que houve uma deturpação do significado da serpente a partir do Gênesis, e exalta sua ancestral simbolização da arte de curar e dar à vida. Em antigas imagens egípcias, a serpente cósmica era tida por vezes como um símbolo da matéria e, quando distante de sua natureza espiritual primitiva, tornava-se sujeita ao mal (Blavatsky, 1991).

Medusa, importante figura da mitologia grega, tem sua história interligada com Atena por serem ambas aspectos da deusa Athana, da Líbia, associada com a sabedoria feminina. Sua sabedoria é representada pelas serpentes no cabelo de Medusa e no manto e escudo de Atena. As cerimônias lunares incluíam ritos sexuais serpentinos, associados à morte e ao renascimento. Como animal totêmico, a serpente desempenha aqui também um papel de imortalidade, pela sua forte simbolização dos ciclos da vida e do oceano primordial. Na mais antiga imagem de Medusa, serpentes se enrolavam ao redor de sua cintura, revelando sua habilidade de se movimentar entre o céu e a terra (Faur, 2020).

Vejamos o sonho do quarto participante:

Ultimamente tenho sonhado com serpente e quando acordo tenho a sensação que já sonhei exatamente a mesma coisa como nessa noite, sonho geralmente que estou no meu trabalho, o dia é bonito, o clima é bom e eu tenho serpentes pretas enroladas na minha cintura e eu coloco um casaco por cima na intenção de deixá-las protegidas [sic] mas chega um determinado momento elas caem e percebo que não estão vivas. Tenho um sentimento de surpresa, seguro daquela

sensação de que já sonhei isso ali (P4).

Vemos aqui sua manifestação tal como na imagem de Medusa. A Índia representa a cobra sob a forma de *naga*, a serpente que sobra da destruição do cosmo no fim de uma era, e também matéria de novos começos. Denominada *Vritra*, enrola-se em torno da montanha que encerra em si a eternidade e o caos primordial anterior à criação da Terra. Da mesma forma, enrola-se à volta da cintura ou do pescoço ou como amuleto de divindades hindus como Rudra-Shiva, Kali e Ganesha (Ronnberg & Martin, 2010).

Vejamos o sonho do quinto participante:

Sonhei que estava realizando uma obra em casa, construindo algo, e precisava quebrar postes de ferro. Chamei uma "empresa" para cortar os ferros e a ferramenta utilizada para quebrar os postes era uma cobra. Para conseguir, o 'manuseador' precisava deixar a serpente brava, para que ela mordessem os ferros e eles fossem cortados. Mas eu precisava fazer isso, e não conseguia de jeito algum chegar perto. Ela vinha para cima de mim e eu morria de medo. Lembro que a sensação que eu tive era que aquela "obra" precisava ser realizada por mim e pelo meu namorado, e precisava ser eu pra [sic] manusear a cobra, mas eu não conseguia (P5).

Aqui vemos a serpente associada ao fogo e sua capacidade de partir o ferro. Na alquimia, o mercúrio é a "roda de fogo da essência", em forma de serpente. A roda aqui é entendida como um símbolo da totalidade. De acordo com Jung (1944/2012), entende-se que em determinadas culturas, quando a alma se "desprende de Deus", acende-se nela essa roda, dando origem ao desejo e ao pecado, que são a ira de Deus. Como relatado no sonho, a ira da serpente era o elemento necessário para a execução da obra, na alquimia opus, o resultado final da interação dos elementos. De forma simbólica, os processos alquímicos representam os processos psíquicos, o que significa dizer que a *opus* alquímica é também a busca pela individuação, pela obra de uma vida (Jung, 1951/2015).

O fogo também é associado à serpente em culturas sul-americanas. Os tupis acreditavam em um gênio que protegia os campos contra incêndios: a serpente de fogo que residia na água, Boitatá (do guarani *mboi*, cobra, e *tata*, fogo; Orico, 1975). A passagem da serpente pelo fogo, uma imagem poderosa para os andinos, era vista pelos espanhóis como a encarnação das forças do mal, enquanto para os próprios andinos representava Amaru, uma força destrutiva surgida das entranhas da terra na intenção de reconstruir a estabilidade em situações de desequilíbrio entre a vida social e natural (Griffiths, 1998).

Estava perto de um pequeno lago não muito profundo, com águas calmas e cristalinas, neste lago havia um pato e então [sic] apareceram duas serpentes. O pato nadou perto delas e foi atacado, logo o veneno das serpentes levou o pato a óbito. Após o ataque, as serpentes se entrelaçaram como se estivessem tendo uma relação sexual. Lembro de ter sentido medo no

ataque ao pato e tranquilidade no segundo momento (P6).

Novamente, na alquimia, a serpente é o mercúrio que, enquanto substância fundamental, forma-se a si mesma na água e engole a natureza à qual está unida (Jung, 1944/2012). Podemos entender aqui, no sonho do sexto participante, as duas serpentes emergindo da água e devorando a natureza a que está unida, o pato. Mercúrio também representa uma antítese em si mesmo, ou seja, sustenta-se por forças iguais, porém opostas. Significa, para o alquimista, a manifestação concreta. Mercúrio, ou Hermes, é um mago e, ao mesmo tempo, um deus dos magos. Como Hermes Trismegisto, é o patriarca da alquimia, e sua vara (caduceu) é envolvida por duas serpentes (Jung, 2014).

A dupla de serpentes é também bastante frequente na mitologia como um símbolo de feminino e masculino na *opus*. Em toda a alquimia, enquanto Mercúrio ou enquanto serpente, a prima matéria é bissexual, se autofecunda e nasce de si mesma (Jung, 1944/2012). Nos sistemas de orientação dualística, a serpente se opõe ao mundo luminoso, masculino, representando o mal. Sua consistência úmida, fria e escura se opõe ao mundo do calor e do sol, do leão (Jung, 2011). A dualidade da serpente, como vemos constelada no sonho, fala, portanto, de sua natureza ambivalente, representada pela polarização do feminino e do masculino, do bem e do mal, da consciência e do inconsciente.

O cenário aquático do sonho remete-nos a antigas mitologias orientais, em que se narra a existência exclusivamente de água e Limo Prolífero, de cuja mistura proveio a serpente cósmica - a matéria (Blavatsky, 1991). Também Leviatã, o antagonista de Jeová, é uma serpente que vive no fundo do mar (Jung, 2011). Na iconografia marajoara, povo da ilha de Marajó, na região amazônica brasileira, as serpentes aparecem como animais de duas cabeças ou como espirais que se opõem, sendo geralmente associada à água, peixes, inundações e ao princípio feminino na cosmologia amazônica (Schaan, 2007).

Tive esse sonho no início da quarentena. O que me lembro é de escuridão; estava tudo escuro, mas eu podia sentir tudo. Me lembro muito vividamente. Estava com meus pais em algum lugar e vinha uma voz falando comigo sobre respeitar a serpente que tava chegando. Quando essa voz falava, eu sentia a energia da serpente subindo em mim, pelo meu canal vaginal. Quando chegava na altura do útero, ela mordida. As vozes diziam pra eu respeitar isso, aceitar isso, e começaram a falar o nome de muitas divindades que nem conheço. Eram todas divindades femininas. Quando a serpente mordida, eu sabia que era algo doloroso, mas eu não sentia dor. A voz falava 'coleta esse líquido que vai sair, pois é esse líquido que vai te fortalecer, te salvar'. Falava que era pra eu aprender mantras e descobrir o significado dessas palavras (P7).

Vemos, no sonho do sétimo participante, novamente a menção às deusas, associando o útero e o canal vaginal ao feminino, onde a serpente andava e dava mordidas, e então

este líquido produzia a cura da sonhadora. Aqui podemos compreender o veneno como o bálsamo, a unção, o antídoto, o líquido que lubrifica e dá vida, pois o veneno é entendido como uma substância, como observou Paracelso, que muda de propósito conforme muda sua dosagem. O veneno da serpente de Esculápio, já referido deus médico dos gregos antigos, fazia com que seus medicamentos fossem eficazes. Isto é dizer que o mesmo veneno que induz ao adoecimento, em pequenas quantidades também liberta e cura (Ronnberg & Martin, 2010).

Nas tradições tântricas indianas, a energia cósmica feminina da *kundalini* está adormecida como uma serpente enrolada na base da espinha, onde se encontra o chacra inferior, *mūlādhāra*. Despertada pelo processo da meditação *yogi*, essa serpente, Shakti, ergue-se através do corpo sutil, as duas correntes nervosas que correm dos dois lados da medula espinhal, passa através dos centros de energia (chacras), que abre, para se unir em êxtase e transcendência com Shiva no chacra superior, da Coroa. Essa união resulta em uma transformação de grande efeito na personalidade (Chaney & Messick, 1980; Jung, 2022).

De acordo com Jung (1999), a *kundalini* representa o suprapessoal, o não-ego, a totalidade da psique, mediante a qual, sozinhos, somos capazes de alcançar os chacras superiores, no sentido cósmico ou metafísico. Por esta razão, a *kundalini* é o mesmo princípio do Salvador: a serpente salvadora dos gnósticos. Entende-se Shakti como uma serpente solar, também identificada com Cristo. Na Bíblia, a serpente de bronze (ardente) levantada por Moisés em uma haste é vista como símbolo de Cristo crucificado, que traz salvação e cura para aqueles que por ela forem mordidos. Na mitologia judaico-cristã, ainda, os doze discípulos são representados como estações do ciclo anual apoiados pela serpente do Zodíaco (Jung, 2022).

Outro aspecto trazido por Jung (1912/2011) em relação à serpente é como símbolo do medo e que promove uma animação intensa do inconsciente, muitas vezes representando o medo da vida ou da morte, bem como um contato com algum tipo de doença física. Segue o sonho do oitavo e último participante: "Sonhei que uma cobra gigante engolia outra cobra gigante. Tinha pessoas dentro da cobra que foi engolida, e eu entrava em desespero, porque sabia de alguma forma que aquilo aconteceria comigo" (P8).

O movimento de devorar ao seu semelhante como uma representação do ato de devorar a si remete-nos à serpente de Ouroboros, símbolo ancestral originário da iconografia do antigo Egito (Jung, 1951/2015). Hillman (2011) aponta o movimento urobórico da serpente (de morder o próprio rabo) como o próprio veneno que cura. Esse movimento representa a busca pela totalidade, o mais profundo de nossos desejos enquanto seres humanos (Brunel, 1988).

Jung (2011) remete a imagem da cobra à regressão da energia psíquica na qual a cobra simboliza um perigo de uma

identificação com o inconsciente, de estar sendo engolido por um aspecto materno devorador. No outro aspecto, esta imagem desperta para um movimento de superação, tão ameaçador como a criança vive a separação da mãe. A serpente passa a ser, desta forma, um símbolo do decurso do tempo, em um movimento de autodestruição que, em nível mais profundo, ruma à transformação para a imortalidade (Jung, 1912/2011).

Nise da Silveira (2015), ao interpretar os desenhos de pacientes em estado de psicose, percebeu que as serpentes simbolizam expressões de ruptura e busca de renovação interna, ainda que de forma caótica ou ambivalente. As serpentes foram pensadas pela autora como expressões de medo, tensão e conflitos internos manifestados no processo de individuação, que busca integração de emoções opostas e organização interna.

Em sua natureza ctônica, a serpente livra-se do invólucro de matéria mais grosseira, quando troca de pele, e retorna à existência com uma atividade renovada. Em um paralelo com o psiquismo humano, o caminho rumo à totalidade requer a rejeição de um corpo grosseiro para que se adentre um próximo estágio de existência, com poderes maiores e vitalidade mais intensa (Blavatsky, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício realizado levanta, embora não de maneira exaustiva, diferentes potenciais simbólicos que a serpente adquiriu ao longo da história da humanidade. Como resultado deste exercício, observamos que sua presença nos sonhos costuma estar carregada de profundo valor: onde há uma serpente, em nível inconsciente, há algo importante que deseja revelar-se à consciência do sonhador, a fim de auxiliá-lo em seu processo de individuação. Esse movimento é entendido por Jung (1912/2011) como um movimento de discrepância entre o mundo da consciência e do inconsciente.

Como é característico ao sonho, ele possui o poder de demonstrar o que a alma tem de mais obscuro e íntimo, exprimindo sempre algo que o eu não sabe ou não compreende (Jung, 1961/2016). Como vimos nos relatos coletados, o sonho é capaz de expor as mais diferentes dinâmicas, centralizando no símbolo da serpente uma carga importante de material inconsciente, a notar-se as mais diversas, porém enérgicas, reações dos sonhadores. Naturalmente, para que conheçamos mais de nós mesmos, temos que nos tornar capazes de encarar nossa complexa completude, incluindo os aspectos de nossa singularidade que ainda não reconhecemos. Este processo de retorno à profundidade é o que permite a fecundação da nova vida, o que novamente é trazido pela simbologia da serpente, na união de opostos - vida e morte, feminino e masculino, consciente e inconsciente.

Essa noção nos permite aproximar a serpente à totalidade, um símbolo da eterna renovação da vida e, portanto, da eternidade. Como importante aspecto do feminino, a eternidade é a primeira força capaz de gerar a vida, e por essa razão é fortemente associada à mulher e seus caminhos, bem como à sexualidade. A experiência da serpente como traiçoeira, ameaçadora e perigosa carrega a densidade de emoções que acomete todo ser humano, pois o chama de volta à sua condição terrena. Essa condição é entendida, em muitas culturas, como pecaminosa, condenável e ameaçadora, mas a serpente não se compadece do ser humano, simbolicamente falando, pois o chama à vida, desperta conteúdos inconscientes, por vezes não reconhecidos pela consciência.

Outro aspecto simbólico observado na serpente é o anúncio dos processos regressivos psíquicos, nos quais a pessoa se mantém identificada com o inconsciente e encara a separação como um processo psíquico ameaçador e perigoso. A resistência que se apresenta é consequente ao medo que a consciência pode despertar, por envolver, tipicamente, algum sofrimento, ou mesmo a "expulsão de algum paraíso".

Na psicologia profunda de Jung, a ampliação da consciência proporciona o avanço do trabalho psicoterapêutico, à medida em que a pessoa conhece mais de si e de sua natureza e se aproxima paulatinamente de uma vivência completa, menos fragmentada e mais sensível. O exercício de amplificação simbólica pode ser extremamente frutífero em uma prática clínica, porque propõe, sobretudo, que o significado coletivo pode auxiliar na compreensão e simbolização do significado pessoal. Esse exercício possibilita um passo a mais na ampliação da consciência sobre determinado símbolo, que está psiquicamente a serviço do processo de individuação de uma pessoa em psicoterapia. Nesta pesquisa, o foco dado à amplificação simbólica em nível coletivo teve por objetivo a demonstração deste exercício. Na prática clínica, no entanto, esta amplificação inclui a investigação das associações do sujeito em nível pessoal, o que não foi praticado neste estudo.

Além de uma contribuição para o fazer clínico com os sonhos e os símbolos, este artigo também se propôs a algo novo no âmbito da pesquisa acadêmica. Embora não proponha uma padronização, a consolidação dos métodos junguianos é também um resgate ao compromisso científico que o próprio Jung assumiu no início de sua carreira. Falar de amplificação simbólica enquanto método de pesquisa é desafiar os tantos padrões e condicionamentos a que a academia ocidental está submetida. Pesquisar a partir do inconsciente e dos símbolos nos desloca para uma outra postura perante a produção científica, pois acolher sua natureza misteriosa nos sujeita a sair do centro, como detentores de um conhecimento, e nos provoca a uma

transformação, como mencionado anteriormente, que ocorre em níveis individual e coletivo, consciente e inconsciente.

O esforço de Eloisa Penna (2004, 2009) em aproximar a amplificação simbólica das práticas científicas foi o que viabilizou a solidificação deste trabalho, à medida que ofereceu amparo metodológico para organizar esta investigação. Apontamos, por esse motivo, a importância de que mais autores possam ocupar novos espaços de pesquisa, no sentido de aproximar as práticas em psicologia analítica de um fazer acadêmico, cientes da inviabilidade de uma padronização, mas comovidos em prol da legitimação desta metodologia de pesquisa em psicologia.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

A.F.F. e A.L.T.M. contribuíram para a conceitualização e investigação do artigo; A.F.F. fez a redação inicial do artigo (rascunho) e A.F.F. e A.L.T.M. foram responsáveis pela redação final (revisão e edição); A.F.F. contribuiu na tabulação dos dados; A.L.T.M. contribuiu na formulação do design metodológico e na supervisão e liderança das atividades de planejamento e execução da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos participantes da pesquisa.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Blavatsky, H. P. (1991). *Ísis sem véu*. (M. M. Ferreira, Trad.; Vol. 1). Pensamento.
- Brunel, P. (1988). *A Crítica Literária*. (M. Appenzeller, Trad.). Martins Fontes.
- Brunel, P. (1997) (Org.). *Dicionário de mitos literários*. (C. Sussekind; J. Laclette; M. T. R. Costa & V. Whately, Trans.). José Olympio.
- Chaney, E. C. & Messick, W. L. (1980). *Kundalini and the third eye* [Kundalini e o terceiro olho]. Astara's Library of Mystical Classics.
- Faur, M. (2020). *As faces escuras da Grande Mãe* (2ª ed.). Editora Alfabeto.
- Griffiths, N. (1988). *La cruz y la serpiente: la represión y el resurgimiento religioso en el Perú colonial* [A cruz e a serpente: a repressão e o ressurgimento religioso no Peru colonial]. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Hillman, J. (2010). *Re-vendo a psicologia* (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Hillman, J. (2011). *Psicologia alquímica* (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Jacobi, J. (2016). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung* (M. C. Mota, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1957)
- Jung, C. G. (1990). *Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia*. Obras Completas (F. V. do Amaral, Trad.; Vol. 14/2). Vozes. (Obra original publicada em 1955)
- Jung, C. G. (2011). *Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças* (L. K. Richter, Trad.). Vozes.
- Jung, C. G. (2011). *Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (E. Stern, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1912)
- Jung, C. G. (2012). *Psicologia e Alquimia*. Obras Completas. (M. L. Appy, M. Makray & D. M. R. F. Silva, Trans.; Vol. 12). Vozes. (Obra original publicada em 1944)
- Jung, C. G. (2015). *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. Obras completas. (D. M. R. Rocha, Trad.; Vol. 9/2). Vozes. (Obra original publicada em 1951)
- Jung, C. G. (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (11ª ed.). Obras Completas, vol. 9/1. Vozes. (Obra original publicada em 1954)
- Jung, C. G. (2014). *Sobre sonhos e transformações: sessões de perguntas de Zurique* (L. Richter Trad.). Vozes.
- Jung, C. G. (2016). Chegando ao inconsciente. In: C. G. Jung (Org.), *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, Trad.; 3ª ed. especial, Cap. 1, pp. 18-131). HarperCollins Brasil. (Obra original publicada em 1964)
- Jung, C. G. (2016). *Memórias, sonhos e reflexões*. (A. Jaffé, Org.; D. F. Silva, Trad.). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1961)
- Jung, C. G. (2017). *O livro vermelho: Liber Novus*. (E. Orth, G. A. Tilton & G. Barcellos, Trans.; S. Shamdasani, Ed.). Vozes.
- Jung, C. G. (2022). *A psicologia da ioga kundalini: notas do seminário realizado em 1932 por Carl G. Jung*. (G. A. Tilton, Trad. S. Shamdasani, Ed.). Vozes.
- Mason, R. T. (1999). *The divine serpent in myth and legend* [A divina serpente no mito e na lenda]. <https://www.webcitation.org/query?url=http://www.geocities.com/Athens/Delphi/5789/serpent.htm&date=2009-10-25+05:58:155>
- Milhorim, T. K., Casarini, K. A. & Scorsolini-Comin, F. (2013). Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. *Revista SPAGESP*, 14(1), 79-95.
- Orico, O. (1975). *Mitos ameríndios e credences amazônicas*. Civilização Brasileira.
- Penna, E. M. D. (2004). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71-94. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Penna, E. M. D. (2009). *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC SP.

Ronnberg, A. & Martin, K. (Eds.). (2010). *The book of symbols. Reflections on archetypal images* [O livro dos símbolos. Reflexões sobre imagens arquetípicas]. Taschen.

Schaan, D. (2007). Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology*, 1, 50-56.

Silveira, N. da. (2015). *Imagens do inconsciente*. Vozes.

Von Franz, M.-L. (1988). *O caminho dos sonhos*: Marie-Louise von Franz em conversa com Fraser Boa (R. Gambini, Trad.). Cultrix.

Von Franz, M.-L. (2016). O processo de individuação. In C. G. Jung (Org.) *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, Trad.; 3ª ed. especial, pp. 207-307). HarperCollins Brasil. (Obra original publicada em 1964)

NOTAS

1. Numinoso, para Jung, refere-se à qualidade emocional específica de experiências psíquicas que provocam um sentimento de assombro, fascínio ou temor diante de algo que parece "outro", misterioso e transcendente. É uma vivência do sagrado ou do divino, que afeta profundamente a consciência, ainda que não necessariamente esteja vinculada a uma religião institucionalizada. "Chamei de 'numinoso' o conteúdo psicológico que transporta esse caráter de poder que domina a alma. [...] O numinoso possui a qualidade de provocar ou sugerir uma intensa experiência emocional, que é ao mesmo tempo fascinante e aterradora" (Jung, 1954/2014, p. 14-15).

Recebido em: 30/09/2024

Primeira decisão editorial em: 21/06/2025

Aceito em: 07/08/2025